

Museu Arquidiocesano de Campinas

RUA AQUIDABÃ N.º 734

13.100 - CAMPINAS - SP



MAESTRO ELIAS ÁLVARES LOBO

Nasceu Elias Lobo a 9 de agosto de 1834, em Itu onde foi batizado, conforme resa o assentamento da Matriz, Livro 73, fls. 19 v., hoje no arquivo da Cúria Diocesana de Jundiá-S.P.:

"Aos vinte dias do mês de agosto de mil oitocentos e trinta e quatro, nesta Matriz, o Rvdo. Francisco Leite Ribeiro pôs os Santos Óleos ao inocente Elias e foi batizado em casa por necessidade pelo Padre Elias do Monte Carmelo, de idade de catorze dias, filho do Juíz de Paz José Manuel Lobo e sua mulher Dona Teresa Xavier de Jesus; padrinhos o mesmo Reverendo Elias do Monte Carmelo e Dona Ana Esméria, todos desta Vila. (a) o Vig^o Bras Luís de Fina".

Como confirmação de se tratar do mesmo Maestro, transcreveros os registros de seus dois casamentos, com esclarecimento dos apelidos que usava; o primeiro assentamento da Matriz de Itu, e o segundo da Matriz de Campinas, hoje Basílica de Nossa Senhora do Carmo:

"A 1^o de setembro de 1855, nesta Matriz, feitas as diligências do estilo, em minha presença e das testemunhas Tristão de Abreu Rangel e Vicente Bernardo de Almeida, receberam-se em matrimônio Elias Alves Lobo filho do finado José Manuel Lobo e Dona Teresa Xavier Lobo, e Dona Elisa Eufrosina da Costa filha de Francisco Mariano da Costa e Dona Maria Teresa, todos desta, de que fiz este termo. (a) O Vig^o Coadj. Manuel Ferraz de Camargo - Tristão de Abreu Rangel - Vicente Bernardo de Almeida". (L. 263, fls. 128 v.).

"Aos nove de agosto de mil oitocentos e oitenta e quatro, na matriz desta Paróquia em minha presença e das testemunhas Antônio Álvares de Lima, Dona Antônia Eufrosina de Andrade Lima, José da Rocha Camargo e Dona Gertrudes Leonísia de Barros, receberam-se em matrimônio os nubentes Elias Álvares Lobo e Dona Isabel de Arruda, esta fregueza desta Paróquia, filha legítima de Benedito José Couteiro e de Dona Isabel Ferraz de Arruda, aquele freguez da Conceição viúvo por óbito de Elisa Eufrosina da Costa Lobo. (a) O Vig^o Francisco de Abreu Sampaio". (L 1, fls. 126).

A segunda certidão esclarece o apelido Álvares usado pelo Maestro, já que na primeira ele está, como se usava então, abreviado na forma Alves. O pai do Maestro, natural de Paranaguá-P.R., descendia de família de Pernambuco, à qual também pertencem ilustres brasileiros, entre os quais Aristides Lobo, prócer da propaganda e primeiros anos da Repú-

blica. Por mãe se entronca em velhas famílias paulistas, com vastos parentescos, como se vê na carta de seu parente Dom Joaquin José Vieira, fundador da Santa Casa de Campinas e bispo do Ceará:

"Fortaleza, 4 de novembro de 1894. Primo Elias. O longo espaço de tempo interposto à recepção de sua carta e esta em resposta, talvez lhe tenha causado estranheza; mas sabendo o meu Primo que eu me achava ausente desta Capital desde o dia 14 de junho até 20 de setembro, modificará qualquer juízo desfavorável aos sentimentos de amizade para com a sua pessoa e Família."

"Recebi a sua carta no certão, quando me achava em laboriosa visita episcopal; li-a com toda atenção e interesse de quem se lembra dos parentes e amigos."

"Não estranhei o seu procedimento, casando-se 2ª vez, é um o caminho que segue o comum dos homens: ou entregam-se às orgias, ou casam-se, o seu não podia escapar a um costume geral; felizmente, porém, escolheu o melhor alvitre, casando-se."

"A Família naturalmente se dispersará, porque é muito difícil haver perfeita harmonia entre madrasta e enteado já crescidos como são os seus filhos; entretanto a prudência de sua parte muito concorrerá para o império da paz; assim incumbe-me o dever de agradecer-lhe a comunicação, e pedir a Deus abençoar o seu novo consórcio, prosperando os seus dias na sua Santa Graça."

"Recebi também uma cartinha do Paulo, dando-me notícias da Família; não tenho apreciado o prolongamento da enfermidade de Ana Esméria, quer me parecer que a saúde dela dependerá também do casamento, não sei se me engano muito".

"Escrevi, antes de partir para a minha visita, ao meu tio Antônio Álvares, não sei se ele recebeu minha carta, pois não acusou seu recebimento."

"Finalmente vou concluir, pedindo-lhe me recomende a todos de sua Família, a sua nova consorte, e a todos os nossos parentes de Campinas e Itu."

"Aceite um abraço saudoso do Seu Primo e Amigo (a) + Joaquin, Bispo do Ceará".

Deve-se, talvez, a uma fantasia de A. A. da Fonseca, em rodapé de 23 de abril de 1935; pelo jornal "O Estado de São Paulo", a afirmativa de ter Elias Lobo sido muito protegido pelo Regente Feijó. Basta um exame em datas da vida de ambos para ressaltar o absurdo dessa afirmativa, se ela se referir à maior proteção além da contida em simples carta de recomendação.



Elias Lobo nasceu em agosto de 1834, em Itu, quando, ha muito, ali não residia Feijó. Nesta época era Feijó senador e regente do Império, tendo tomado assento no Senado a 15 de julho de 1833, e eleito regente a 2 de outubro de 1835, conservando-se na Corte até renunciar com o manifesto de 19 de setembro de 1837. Passou, depois, a residir em Campinas onde era senhor de Engenho administrado pelo seu grande amigo Rairundo Álvares dos Santos Prado Leme.

Em Campinas, hemiplégico, locomovendo-se em cadeira de rodas, orientou a revolução liberal de 1842, para, depois de preso e deportado para o Espírito Santo, falecer em São Paulo a 10 de novembro de 1843, quando Elias Lobo contava apenas nove anos de idade e tinha perdido o próprio e verdadeiro pai a 13 de outubro de 1840, contando nesta data seis anos de idade.

Elias Lobo viveu em Itu onde adquiriu sua cultura geral e sua cultura especializada em música, na qual se destacou compondo a ópera "Noite de São João", de costumes regionais, a primeira ópera brasileira levada à cena, no Rio de Janeiro, e repetida seis vezes pelo sucesso alcançado. Compôs ainda "A Louca", nova ópera, e parcialmente mais a composição operística "Sacrifício de Amor" que não concluiu. Deixou vasto acervo de composições várias, destacando-se missas (treze), oratórios, semanas santas, solos ao pregador, e tantos mais, com maior volume de composições do gênero sacro. Em Campinas também residiu, depois se transferindo para a Capital do Estado, sempre como professor de música, com vastas relações de amizade, e gozo de alto conceito pelo seu talento, cultura e honbridade. Faleceu em São Paulo a 15 de dezembro de 1902.

Campinas, 23 de janeiro de 1968.

Celso Maria de Mello Pupo,
diretor, C. P. T. A. 1173.